

Foucault em silêncio

Silence in Foucault

Tony Hara

Doutor em História pela Unicamp, autor do livro *Ensaio sobre a Singularidade* (Intermeios, 2012), organizador da Coleção Doc.Londrina (Kan). Contato: hara.tony@gmail.com

RESUMO:

Há certos momentos em que sentimos que o fundamental já foi dito. O que nos resta é aprender e praticar transformar o que foi dito em algo nosso. Esse texto é um exercício de assimilação das ideias de Michel Foucault sobre o silêncio. Palavras-chave: Práticas de si, Ética, Silêncio, Escuta.

ABSTRACT:

There are moments when we feel that the fundamental has already been said. What remains is to learn and to practice. Turn what was said in our something. This text is an assimilation exercise from Michel Foucault's ideas about silence.
Keywords: Practices of the self, Ethics, Silence, Listen.

HARA, Tony (2015). Foucault em silêncio. *Revista Ecopolítica*, n. 11, jan-abr, pp. 2-27.

Penso que qualquer criança que foi educada em um meio católico logo antes ou durante a Segunda Guerra Mundial pôde comprovar que existem inúmeras maneiras diferentes de falar, e também inúmeras formas de silêncio. Alguns silêncios podiam implicar uma hostilidade virulenta; outros, em compensação, eram o índice de uma amizade profunda, de uma admiração emocionada, até mesmo de um amor. Lembro-me muito bem que, quando encontrei o cineasta Daniel Schmid, que veio visitar-me não sei mais por que razão, ele e eu descobrimos, no espaço de alguns minutos, que não tínhamos realmente nada a nos dizer. Ficamos, assim, juntos entre três horas da tarde e meia-noite. Bebemos, fumamos haxixe, jantamos. E não penso que falamos mais do que 20 minutos durante essas 10 horas. Isso foi o ponto de partida de uma amizade bastante longa. Era, para mim, a primeira vez que uma amizade começava a nascer em uma relação estritamente silenciosa.¹

•

É possível que outro elemento dessa apreciação do silêncio tenha a ver com a obrigação de falar. Passei a minha infância em um meio pequeno-burguês, o da França provincial, e a obrigação de falar, de conversar com os visitantes era, para mim, algo, ao mesmo tempo, muito estranho e muito maçante. Eu me perguntei, muitas vezes, porque as pessoas sentiam a obrigação de falar. O silêncio pode ser um modo de relação tão mais interessante!²

•

E depois Foucault era muito solitário; estudava o tempo todo e não se ligava a ninguém.

Um dia, um pouco antes do concurso, fomos procurar informações

¹ Michel Foucault. Uma entrevista de Michel Foucault por Stephen Riggins. In: *Ditos & Escritos v. IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p.192

² Idem. p.193

na faculdade. Caminhamos durante quinze minutos e ele me disse: “Este é o primeiro recreio que me permito esse ano.” Um recreio de um quarto de hora!

O mais grave, o mais perigoso, o mais assustador são os bombardeiros que não poupam a cidade de Poitiers. As tropas inglesas miram a estação e a ferrovia. Durante os alarmes os alunos correm a se refugiar nos abrigos. Em julho de 1944 vários bairros próximos à estação deverão ser evacuados por medida de precaução. A rue Arthur-Rane faz parte das áreas de risco. Assim, toda a família Foucault se instala em Vendevre, onde passa o verão.³

•

A ameaça de guerra era nossa tela de fundo, no quadro de nossa existência. Depois, veio a guerra. Muito mais do que as cenas da vida familiar, são esses acontecimentos concernentes ao mundo que são a substância de nossa memória. Eu digo “nossa” memória, porque estou quase certo de que a maioria dos jovens franceses e das jovens francesas da época viveu a mesma experiência. Pesava sobre nossa vida privada uma verdadeira ameaça. É, talvez, a razão pela qual sou fascinado pela história e pela relação entre experiência pessoal e os acontecimentos nos quais nos inscrevemos. Está aí, penso, o núcleo de meus desejos teóricos.

Não sabíamos se íamos morrer ou sobreviver, eu só sabia uma coisa: a vida na escola era um ambiente protegido das ameaças exteriores, protegido da política. E a ideia de viver protegido em um ambiente de estudo, em um meio intelectual sempre me fascinou. O saber, para mim, é o que deve funcionar como o que protege a existência individual e o que permite compreender o mundo exterior. Eu penso que é isso. O saber como um meio de sobreviver, graças à compreensão.

³ Didier Eribon. Michel Foucault (1926-1984). Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p.28

— *Você poderia dizer algumas palavras dos seus estudos em Paris? Alguém teve uma influência particular sobre o trabalho que você faz hoje? Ou, então, há professores aos quais você sente reconhecimento, por razões pessoais?*

Não, eu fui aluno de Althusser, e, na época, as principais correntes filosóficas na França eram o marxismo, o hegelianismo e a fenomenologia. Eu os estudei, é claro, mas o que me deu, pela primeira vez, o desejo de cumprir um trabalho pessoal foi a leitura de Nietzsche.⁴

•

Ó solidão! Ó solidão, minha pátria! Quão feliz e meiga me fala a tua voz! Ó bem-aventurado silêncio que me envolve!

Mas, lá embaixo — tudo fala e nada é ouvido. Pode alguém repicar com sinos a sua sabedoria: os merceiros na feira lhe cobrirão o som com o tinir das moedas! Tudo, entre eles, fala, ninguém sabe mais compreender. Tudo, entre eles, fala, nada se realiza a contento. Tudo cacareja, mas quem quer, ainda, ficar quieto no ninho chocando ovos?⁵

Zaratustra, O Regresso.

•

Eu penso que o silêncio é uma das coisas às quais, infelizmente, nossa sociedade renunciou. Não temos a cultura do silêncio, também não temos a cultura do suicídio. Os japoneses, sim. Ensinava-se aos jovens romanos e aos jovens gregos a adotar diversos modos de silêncio, em função das pessoas com as quais eles se encontravam. O silêncio, à época, figurava um modo bem particular de relação com os outros. O silêncio é, eu penso, algo que merece ser cultivado. Sou favorável a que se desenvolva esse êthos do silêncio.⁶

⁴ Michel Foucault. Uma entrevista de Michel Foucault por Stephen Riggins. In: *Ditos & Escritos v. IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p.196-97

⁵ Friedrich Nietzsche. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1987. p.191

⁶ Michel Foucault. Uma entrevista de Michel Foucault por Stephen Riggins. In: *Ditos*

•

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de descrição é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos.⁷

•

É preciso que as vozes de um número incalculável de sujeitos falantes ecoem e se faça falar uma inumerável experiência. Não é necessário que o sujeito falante seja sempre o mesmo. Não é necessário que somente ecoem as palavras normativas da filosofia. É preciso fazer falar todas as espécies de experiências, dar ouvidos aos afásicos, aos excluídos, aos moribundos, pois estamos no exterior, enquanto são eles que efetivamente enfrentam o aspecto sombrio e solitário das lutas. Creio que a tarefa de um praticante da filosofia, vivendo no Ocidente, é dar ouvidos a todas essas vozes.⁸

•

O Grupo de Informações sobre as Prisões acaba de lançar sua primeira inquirição. Não é uma inquirição de sociólogos. Trata-se de dar a palavra àqueles que têm uma experiência da prisão. Não porque eles precisem que os ajudemos a “tomar consciência”: a consciência da opressão está ali, perfeitamente clara, sabendo muito bem quem é o inimigo. Mas o sistema atual lhe recusa os meios de se formular, de se organizar.

& Escritos v. IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p.193

⁷ Michel Foucault. História da sexualidade v.I: A vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p.30

⁸ Michel Foucault. Metodologia para o conhecimento do mundo: como se desembaraçar do marxismo. In: Ditos & Escritos v.VI: Repensar a política. Trad. Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p.207

Queremos quebrar o duplo isolamento no qual se encontram enclausurados os detentos: através de nossa inquirição, queremos que eles possam se comunicar entre si, transmitir o que sabem e falar-se de prisão a prisão, de cela a cela. Queremos que eles se dirijam à população e que a população lhes fale. É preciso que essas experiências, essas revoltas isoladas se transformem em saber comum e em prática coordenada.

Nossa inquirição não foi feita para acumular conhecimentos, mas para aumentar nossa intolerância e fazer dela uma intolerância ativa.⁹

•

Um delinquente arrisca a sua vida contra castigos abusivos; um louco não suporta mais estar preso e decaído; um povo recusa o regime que o oprime. Isso não torna o primeiro inocente, não cura o outro, e não garante ao terceiro os dias prometidos. Ninguém, aliás, é obrigado a ser solidário a eles. Ninguém é obrigado a achar que aquelas vozes confusas cantam melhor do que as outras e falam a essência do verdadeiro. Basta que elas existam e que tenham contra elas tudo o que se obstina em fazê-las calar, para que faça sentido escutá-las e buscar o que elas querem dizer. Questão moral? Talvez. Questão de realidade, certamente. Todas as decepções da história de nada valem; é por existirem tais vozes que o tempo dos homens não tem a forma da evolução, mas justamente a da história.¹⁰

•

Em meio ao mundo sereno da doença mental, o homem moderno não se comunica mais com o louco; há de um lado o homem de razão que

⁹ Michel Foucault. Sobre as Prisões. In: Ditos & Escritos v.IV: Estratégia, poder-saber. Trad. Vera Lucia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p.4

¹⁰ Michel Foucault. É inútil revoltar-se?. In: Ditos & Escritos v.V: Ética, Sexualidade, Política. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.80

delega o médico para a loucura, autorizando assim a relação apenas por meio da universalidade abstrata da doença; há por outro lado, o homem da loucura que comunica com o outro somente pelo intermediário de uma razão completamente abstrata, que é ordem, coerção física e moral, pressão anônima do grupo, exigência de conformidade. Linguagem comum não há; ou melhor, não há mais; a constituição da loucura como doença mental, no fim do século XVIII, comprova o diálogo rompido, dá a separação como já adquirida, e enterra no esquecimento todas essas palavras imperfeitas, sem sintaxe fixa, um tanto balbuciantes, nas quais se fazia a troca da loucura e da razão. A linguagem da psiquiatria, que é monólogo da razão sobre a loucura, só pôde se estabelecer sobre tal silêncio.

Não quis fazer a história dessa linguagem, mas sim a arqueologia desse silêncio.¹¹

•

Em um livro publicado em 1840 e dedicado ao tratamento moral da loucura, um psiquiatra francês, Leuret, expõe a maneira pela qual havia tratado um de seus pacientes — de quem havia tratado e, naturalmente, como vocês podem imaginar, curado. Certa manhã, Leuret faz o Sr. A. entrar no banheiro, fazendo com que ele lhe conte seu delírio detalhadamente. “Mas tudo isso”, retrucou o médico, “não passa de loucura. Você vai me prometer que não acreditará mais nisso”. O paciente hesita, mas depois promete. “Isso não basta”, retruca o médico, “você já me fez esse tipo de promessas e depois não as manteve”. Abre então a torneira de água fria em cima da cabeça de seu paciente. “Sim, sim, sou louco!”, grita o paciente. O jato de água é interrompido, e o interrogatório recomeça. “Sim, reconheço que sou louco”, repete o paciente. “Mas”, acrescenta ele, “eu só o reconheço porque você está

¹¹ Michel Foucault. Prefácio (Folie et déraison). In: Ditos & Escritos v.I: Problematizações do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. p.141

me forçando”. Novo jato de água fria. “Está bem, está bem”, diz o Sr. A., “eu reconheço. Sou louco, e tudo isso não passa de loucura”.

[...] Desde a época — faz 20 anos aproximadamente — em que li pela primeira vez esse trecho de Leuret, mantive em mente o projeto de analisar a forma e a história dessa prática singular. Leuret apenas se satisfaz quando seu paciente declara: “Sou louco”, ou melhor: “Tudo isso não passa de loucura.” Ele se baseia na hipótese de que a loucura como realidade desaparece a partir do momento em que o paciente reconhece a verdade e declara ser louco. Em que concepção da verdade do discurso e da subjetividade se baseia essa prática singular, e, no entanto, tão habitual?¹²

•

Imagine-se como deve ter parecido exorbitante, no início do século XIII, a ordem dada a todos os cristãos para se ajoelharem, pelo menos uma vez por ano, e confessar todas as suas culpas, sem omissão de uma só.¹³

•

Em todo caso, além dos rituais probatórios, das cauções dadas pela autoridade da tradição, além dos testemunhos, e também dos procedimentos científicos de observação e de demonstração, a confissão passou a ser, no Ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizadas para produzir a verdade. Desde então nos tornamos uma sociedade singularmente confessanda. A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se passado

¹² Michel Foucault. Sexualidade e Solidão. In: Ditos & Escritos v.V: Ética, Sexualidade, Política. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.92

¹³ Michel Foucault. História da sexualidade v.I: A vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p.60

e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros. Confessa-se — ou se é forçado a confessar. Quando a confissão não é espontânea ou imposta por algum imperativo interior, é extorquida; desencavam-se na alma ou arrancam-na ao corpo. A partir da Idade Média, a tortura a acompanha como uma sombra, e a sustenta quando ela se esquiva: gêmeos sinistros. Tanto a ternura mais desarmada quanto os mais sangrentos poderes têm necessidade de confissões. O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente.¹⁴

•

A obrigação da confissão nos é, agora, imposta a partir de tantos pontos diferentes, já está tão profundamente incorporada a nós que não a percebemos mais como efeito de um poder que nos coage; parece-nos, ao contrário, que a verdade, na região mais secreta de nós próprios, não “demanda” nada mais que revelar-se; e que, se não chega a isso, é porque é contida à força, porque a violência de um poder pesa sobre ela e, finalmente, só se poderá articular à custa de uma espécie de liberação. A confissão libera, o poder reduz ao silêncio; a verdade não pertence à ordem do poder mas tem um parentesco originário com a liberdade: eis aí alguns temas tradicionais da filosofia que uma “história política da verdade” deveria resolver, mostrando que nem a verdade é livre por natureza nem o erro é servo: que sua produção é inteiramente infiltrada pelas relações de poder. A confissão é um bom exemplo.¹⁵

•

Tentei sair da filosofia do sujeito fazendo uma genealogia do sujeito

¹⁴ Idem. p.59

¹⁵ Idem. p.60

moderno, que abordo como uma realidade histórica e cultural; ou seja, como alguma coisa capaz de se transformar, o que, obviamente, é importante do ponto de vista político. A partir desse projeto geral, são possíveis dois modos de abordagem. Uma das maneiras de abordar o sujeito em geral consiste no exame das construções teóricas modernas. Nessa perspectiva, tentei analisar as teorias do sujeito como ser que fala, vive e trabalha, nos séculos XVII e XVIII. Mas também é possível apreender a questão do sujeito de maneira mais prática, a partir do estudo das instituições que fizeram, de certos sujeitos, objetos de saber e de dominação: os asilos, as prisões...

Gostaria de estudar as formas de apreensão que o sujeito cria a respeito dele mesmo. Porém, uma vez que comecei pelo segundo tipo de abordagem, devo mudar de opinião sobre vários pontos. Permitam-me fazer aqui, de qualquer forma, a minha autocrítica. Talvez seja possível, se nos ativéssemos a certas proposições de Habermas, distinguir três tipos principais de técnicas: as técnicas que permitem produzir, transformar, manipular coisas; as técnicas que permitem utilizar sistemas de signos; e, finalmente, as técnicas que permitem determinar a conduta dos indivíduos, impor certas finalidades ou determinados objetivos. Temos então as técnicas de produção, as técnicas de significação ou de comunicação, e as técnicas de dominação. Fui me dando conta, pouco a pouco, de que existe, em todas as sociedades, um outro tipo de técnica; aquelas que permitem aos indivíduos realizar, por eles mesmos, um certo número de operações em seu corpo, em sua alma, em seus pensamentos, em suas condutas, de modo a produzir neles uma transformação, uma modificação, e a atingir um certo estado de perfeição, felicidade, de pureza, de poder sobrenatural. Chamemos essas técnicas de técnicas de si.¹⁶

•

¹⁶ Michel Foucault. Sexualidade e Solidão. In: Ditos & Escritos v.V: Ética, Sexualidade, Política. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.95

Parece-me que na ascese pagã, na ascese filosófica, na ascese da prática de si da época de que lhes falo, trata-se de encontrar a si mesmo em um movimento cujo momento essencial não é a objetivação de si em um discurso verdadeiro [o momento da confissão], mas a subjetivação de um discurso verdadeiro em uma prática, em um exercício de si sobre si. No fundo, é esta espécie de diferença fundamental que venho tentando fazer aparecer desde o início deste curso [A hermenêutica do sujeito]. Procedimento de subjetivação do discurso verdadeiro, é isto que encontraremos continuamente expresso nos textos de Sêneca quando, a respeito do saber, da linguagem do filósofo, da leitura, da escrita, das anotações, etc., ele afirma: trata-se de fazer suas (“facere suum”) as coisas que se sabe, fazer seus os discursos que se ouve, fazer seus os discursos que se reconhece como verdadeiros ou que nos foram transmitidos como verdadeiros pela tradição filosófica. Fazer sua a verdade, tornar-se sujeito de enunciação do discurso verdadeiro: é isto, creio, o próprio cerne desta ascese filosófica.¹⁷

•

Primeiramente pois, escutar. Pode-se dizer que escutar é com efeito o primeiro passo, o primeiro procedimento na ascese e na subjetivação do discurso verdadeiro, uma vez que escutar, em uma cultura que sabemos bem ter sido fundamentalmente oral, é o que permitirá recolher o *lógos*, recolher o que se diz de verdadeiro. A escuta será o primeiro momento deste procedimento pelo qual a verdade ouvida, a verdade escutada e recolhida como se deve, irá de algum modo entranhar-se no sujeito, incrustar-se nele e começar a tornar-se *suus* (a tornar-se sua) e a constituir assim a matriz do *êthos*. A passagem da *alétheia* ao *êthos* (do discurso verdadeiro ao que será regra fundamental de conduta) começa seguramente com a escuta.¹⁸

¹⁷ Michel Foucault. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.401

¹⁸ Idem. p.402

•

Tagarelice constitui o primeiro vício do qual é necessário curar-se quando se começa a aprender filosofia e nela se iniciar. Plutarco faz da aprendizagem do silêncio um dos elementos essenciais da boa educação. O silêncio, diz ele no Tratado sobre a tagarelice, tem alguma coisa de profundo, de misterioso e de sóbrio. Foram os deuses que ensinaram o silêncio aos homens e foram os homens que nos ensinaram a falar. (...) Segundo Plutarco, no tagarela o ouvido não se comunica diretamente com a alma: o ouvido se comunica diretamente com a língua. De modo que, assim que uma coisa acaba de ser dita, ela passa imediatamente para a língua, e então se perde. Tudo o que o tagarela recebe pelo ouvido escoar, derrama-se de imediato no que ele diz e, derramando-se no que ele diz, a coisa ouvida não pode produzir nenhum efeito sobre a própria alma. O tagarela é sempre um recipiente vazio. O tagarela é incurável, pois só se pode curar esta paixão da tagarelice, assim como as outras paixões, pelo lógos. Ora, o tagarela é alguém que não retém o lógos, que o deixa derramar-se de imediato no seu próprio discurso. Consequentemente, não se pode curar o tagarela, a menos que ele queira se calar.¹⁹

•

Daí toda uma série de conselhos tradicionalmente dados nesta ética da escuta: quando se ouvir alguém dizer alguma coisa de importante, não se colocar imediata e interminavelmente a discuti-la; procurar recolher-se, guardar silêncio para melhor gravar o que se ouviu, e fazer um rápido exame de si mesmo após a lição que se ouviu ou a conversa que se acabou de ter; lançar um rápido olhar sobre si mesmo para ver como se está, para examinar se o que se ouviu e aprendeu constitui uma novidade em relação ao equipamento (a paraskeué) de que já se dispunha e ver, consequentemente, em que medida e até que ponto foi possível aperfeiçoar-se.²⁰

¹⁹ Idem. p.411

²⁰ Idem. p. 421

•

Nestas práticas de apropriação do discurso verdadeiro, não se trata de aprender a verdade, nem sobre o mundo nem sobre si mesmo, mas de assimilar, no sentido quase fisiológico do termo, discursos verdadeiros que sejam auxiliares para afrontar os acontecimentos externos e as paixões interiores. O lógos deve atualizar a retidão da ação, mais do que a perfeição do conhecimento.²¹

•

— *Em seu curso sobre a hermenêutica do sujeito se encontra um trecho no qual o senhor diz que o único ponto original e útil de resistência ao poder político está na relação de si consigo mesmo.*

Não acredito que o único ponto de resistência possível ao poder político entendido justamente como estado de dominação □ esteja na relação de si consigo mesmo. Digo que a governabilidade implica a relação de si consigo mesmo, o que significa justamente que, nessa noção de governabilidade, visto ao conjunto das práticas pelas quais é possível constituir, definir, organizar, instrumentalizar as estratégias que os indivíduos, em sua liberdade, podem ter uns em relação aos outros. São indivíduos livres que tentam controlar, determinar, delimitar a liberdade dos outros e, para fazê-lo, dispõem de certos instrumentos para governar os outros. Isso se fundamenta então na liberdade, na relação consigo mesmo e na relação com o outro. Ao passo que, se você tentar analisar o poder não a partir da liberdade, das estratégias e da governabilidade, mas a partir da instituição política, só poderá encarar o sujeito como sujeito de direito. Temos um sujeito que era dotado de direitos ou que não o era e que, pela instituição da sociedade política, recebeu ou perdeu direitos: através disso, somos remetidos a uma concepção jurídica do sujeito. Em contrapartida, a noção de governabilidade permite, acredito,

²¹ Frédéric Gros. Situação do curso. In: A hermenêutica do sujeito. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p 639

fazer valer a liberdade do sujeito e a relação com os outros, ou seja, o que constitui a própria matéria ética.

— *O senhor pensa que a tarefa da filosofia é advertir dos perigos do poder?*

Essa sempre foi uma grande função da filosofia. Em sua vertente crítica — entendo crítica no sentido amplo — a filosofia é justamente o que questiona todos os fenômenos de dominação em qualquer nível e em qualquer forma com que eles se apresentem — política, econômica, sexual, institucional. Essa função crítica da filosofia decorre, até certo ponto, do imperativo socrático: “Ocupa-te de ti mesmo”, ou seja: “Constitua-te livremente, pelo domínio de ti mesmo”.²²

•

Eu o li [Nietzsche] apaixonadamente e rompi com minha vida, abandonei o emprego no hospital psiquiátrico, deixei a França: tinha o sentimento de ter sido capturado. Através de Nietzsche, tinha me tornado estranho a todas essas coisas. Nem sempre estou bem integrado à vida social e intelectual francesa. Se eu fosse mais jovem, teria emigrado para os Estados Unidos.

— *Por quê?*

Vislumbro oportunidades aqui. Vocês não têm uma vida intelectual e cultural homogênea. Como estrangeiro, não tenho que me integrar. Nenhuma pressão se exerce sobre mim. Há aqui muitas grandes universidades, todas com interesses diferentes. Mas, certamente, a universidade poderia me excluir da maneira mais indigna.

— *O que o leva a dizer que a universidade poderia excluí-lo?*

Tenho muito orgulho de que certas pessoas pensem que represento um perigo para a saúde intelectual dos estudantes. Quando as pessoas começam a raciocinar nas atividades intelectuais em termos de saúde,

²² Michel Foucault. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: *Ditos & Escritos v.V: Ética, Sexualidade, Política*. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.286-87

é porque alguma coisa não vai muito bem. Para eles, sou um homem perigoso, já que sou um criptomarxista, um irracionalista, um niilista.²³

•

As palavras mais quietas são as que trazem tempestades. Pensamentos que vêm com pés de pombas dirigem o mundo.²⁴

Zaratustra, A hora mais quieta.

²³ Michel Foucault. Verdade, poder e si mesmo. In: *Ditos & Escritos v.V: Ética, Sexualidade, Política*. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.298

²⁴ Friedrich Nietzsche. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1987. p.158